

DA CONSTRUÇÃO DO LEGADO AOS HERDEIROS DO SONHO¹

Jacques Marcovitch ²

Caros colegas, caros amigos

Inicialmente agradeço, na pessoa do diretor da Esalq, professor Durval Dourado Neto, a todos os professores, pesquisadores e funcionários da Escola o convite que me foi formulado para proferir esta palestra no marco das comemorações dos 170 anos de nascimento de Luiz de Souza Queiroz. Agradeço, também, a presença do reitor em exercício, professor Antônio Carlos Hernandez, dos ex-diretores da Esalq e de todos os convidados.

Esta reflexão, lembrando o pensamento de Isaac Newton: *Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes*, almeja reverenciar os construtores de legados, entre os quais está a destacada figura de Luiz Vicente de Souza Queiroz. Reverenciar seus herdeiros, os ex-alunos de Esalq, que honram o legado recebido, construindo novos legados para as gerações vindouras. Reverenciar a todos aqueles que militam pela qualidade do ensino no Brasil, conciliando pesquisa, ensino e extensão. Prática comprovada na agricultura, mas nem sempre adotada em outras áreas de conhecimento.

Adversidades e incertezas

O contexto desta reflexão é a transição da Monarquia para a Primeira República. Um contexto repleto de incertezas e adversidades. Uma transição conflituosa, descrita com detalhes por Boris Fausto em sua obra *História Concisa do Brasil* (2001). Foi neste contexto de incertezas que pioneiros e empreendedores se afirmaram. Os Prado em São Paulo, Bernardo Mascarenhas em Minas Gerais, o Barão de Mauá no Rio de Janeiro, os Lundgren em Pernambuco. Deles apreendemos algumas lições das quais destaco: fazer da adversidade um patrimônio duradouro para uma vida significativa; fazer da riqueza um meio para viabilizar o sonho, e não o contrário; exercer o poder sobre si próprio, para perseverar na direção do horizonte almejado; valorizar o conhecimento dos outros para alcançar a sabedoria; harmonizar a lógica dos resultados com a lógica dos valores; conciliar os tempos da urgência e da relevância; e, finalmente, construir o futuro e amar o destino.

¹ Palestra proferida na ESALQ, em 03 de junho de 2019, no marco dos 170 anos de nascimento de Luiz de Souza Queiroz.

²Jacques Marcovitch é Professor Emérito da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade e Professor Titular do Instituto de Relações Internacionais da USP, da qual foi reitor. É autor, dentre outras obras, da trilogia "Pioneiros e Empreendedores: a Saga do Desenvolvimento no Brasil" (Edusp/Saraiva 2003, 2005 e 2007). É também curador da exposição "Pioneiros e Empreendedores" e do portal www.usp.br/pioneiros.

Quando em 2001 foi iniciada a pesquisa sobre os pioneiros e empreendedores brasileiros, não poderia supor as alegrias e emoções que este projeto nos proporcionaria. Ao fixar numa folha de papel a listagem inicial dos pioneiros cujas vidas seriam contadas, percebemos mais fortemente o vulto da pesquisa e as dificuldades que enfrentaríamos para concluí-la. O que não prevíamos, e não poderíamos sequer imaginar, era que, indo buscar no passado estes personagens da saga do desenvolvimento em nosso país, descobriríamos novos amigos, cujas histórias de vida passariam a fazer parte das nossas vidas.

Logo ficou muito claro que não iríamos tratar de vidas comuns, ordinárias, triviais, e sim de existências a exigir uma narrativa capaz de revelar, de cada um dos personagens, não apenas o empreendedor, o pioneiro, mas também a pessoa e suas complexidades. Tamanha foi a admiração suscitada por estas descobertas que nos tornamos grandes amigos de todos eles, mesmo separados, no tempo e no espaço, de cada um destes indivíduos extraordinários. E, como acontece na evolução das grandes amizades, elegemos um deles para estudar mais adiante com mais empenho e busca de identificação. Não preciso demorar-me para dizer o seu nome. Chamava-se Luiz Vicente de Souza Queiroz. E foi dele que mais falamos e escrevemos depois de lançados os três livros e realizada a exposição itinerante pelo Brasil.

Feito este preâmbulo sobre uma grande amizade construída para muito além do calendário e da contemporaneidade, acrescento que na fase da pesquisa também encontramos Ermelinda, sua companheira de toda vida. Uma figura igualmente histórica, incluída entre as mulheres brasileiras do século XIX que anteciparam a revolução feminina no Brasil.

A construção do legado

Luiz de Queiroz, precursor do agronegócio, acumulou o papel de fomentador da extensão, da pesquisa e pioneiro ímpar do ensino. Há mais de um século, com a sua aguda visão de futuro, ele aproveitou as águas do rio Piracicaba para acionar os teares da tecelagem Santa Francisca e os motores da usina elétrica que fez construir para iluminar as ruas e as casas da cidade. Instalou a primeira linha telefônica da região e acolheu os primeiros grupos de trabalhadores europeus destinados a substituir a mão de obra escrava. Sua iniciativa, ao transformar voluntariamente o que era propriedade sua, em Piracicaba, em bem público, a serviço do país, foi um gesto de tal forma inovador que só hoje começa a ser compreendido.

A construção de um legado decorre da combinação de valores, poder e resultados. A lógica do poder engendra os meios para alcançar os resultados, observando-se uma escala de valores que associe o rigor econômico, a responsabilidade social, o respeito à natureza e à diversidade cultural em seu entorno. Quais traços deste pioneiro fizeram dele um “construtor de legados” capaz de navegar mares revoltos a caminho de um porto seguro? Foram muitos e alguns devem ser lembrados: o pleno domínio da agricultura e suas complexidades; a consciência dos riscos a enfrentar; a busca de saberes em países desenvolvidos; o diálogo com lideranças na comunidade local e além dela; e a prática em seus

empreendimentos de uma governança moderna, de modo a garantir-lhe presença no futuro.

O sonho do pioneiro é hoje uma das grandes prioridades na agenda global. A produção de alimentos, escassa em tantos países, tornou-se um precioso ativo da lavoura brasileira. Em nosso país o agronegócio representa mais de 20% do PIB e responde por mais de 50% da nossa pauta de exportações. A Esalq é, seguramente, o modelo de ensino, pesquisa e extensão que mais contribui para o desenvolvimento agrícola e formação do capital humano que integra a sua base tecnológica. As três universidades estaduais paulistas respondem por 23,4% das pesquisas relevantes em Ciências Agrárias, seguindo-se a Embrapa com 10%. Para o desempenho da USP, que é o mais relevante, o papel da Esalq tem sido decisivo.

E não ficamos somente nos grandes números para ilustrar a importância da pesquisa daqui originária. O solo pobre no Oeste da Bahia tornou-se fértil e com grande produtividade no plantio de soja. Há cerca de três décadas a região não era vista no radar da produção agrícola. Hoje, com o incremento de nutrientes, colhe mais de 5 milhões de toneladas de soja. Tudo isto se deve à agricultura avançada e de precisão, disciplinas que resumem o portfólio da Esalq. Esta Escola está mudando o Brasil e transformando-o numa potência agrícola mundial.

O idealizador desta Escola morreu jovem, em 1898, aos 49 anos de idade. Ele foi, dentre todos os pioneiros retratados na trilogia publicada, o que faleceu mais cedo. Luiz de Queiroz sequer esteve presente na festiva inauguração da Escola que sonhou em vida. Esta ausência prematura e definitiva, certamente deveu-se ao atraso da medicina do seu tempo. Podemos especular sobre outras possíveis realizações, hoje, deste homem que se apegou, enquanto viveu, à inovação, ao progresso, e às convicções que então se chamavam de “*ideias adiantadas*”.

O sonho do pioneiro

Por suas ligações de família com o Barão de Rezende, Luiz de Queiroz deveria ser monarquista e conservador, mas era republicano e abolicionista militante. Tanto assim que entre 1885 e 1888 foi presidente da Comissão Abolicionista de Piracicaba. Todos os trabalhadores de suas fazendas, negros ou brancos, eram homens livres e era voz corrente que recebia e protegia escravos fugidos.

A sua militância poderia ter sido um trunfo político no momento em que a abolição se tornou uma realidade e os republicanos assumiram o poder. Isso não ocorreu porque suas opiniões políticas eram avançadas demais até para os próprios republicanos, como ficou demonstrado num episódio de 1887.

Interessados em primeiro lugar na mudança de regime, os republicanos de Piracicaba procuravam se manter em cima do muro na questão do abolicionismo. Declaravam-se, em geral, favoráveis à abolição, mas evitavam falar de prazos ou assumir qualquer compromisso que pudesse contrariar possíveis aliados. Luiz de Queiroz, a quem essa posição parecia moralmente intolerável, resolveu colocá-los contra a parede. Convocou por carta e por meio de um abaixo-assinado publicado em “A Gazeta de Piracicaba”, uma reunião no Hotel Europa, durante a qual os três

candidatos republicanos às eleições legislativas que se aproximavam seriam interpelados sobre a autenticidade de suas convicções abolicionistas.

Antes de morrer, Luiz Vicente de Souza Queiroz pressentiu que um de seus mais significativos projetos de vida, a fundação de uma Escola Agrícola, que chegou a consumir grande parte de seu capital, estava em risco. A política, eterna fonte de intrigas e manobras, tramava abertamente, naquele ano, contra o grande empreendimento para favorecer interesses mesquinhos e menores. O pioneiro, que na vida tanto remara contra essa correnteza de incompreensões, chegou a temer que a ideia não sobrevivesse à sua ausência, pois nesta luta gastara dez longos anos de sua vida.

A história, porém, algumas vezes atropela o obscurantismo e veio salvar aquele ambicioso projeto educativo. Tudo que acabo de dizer está documentado na exposição “O Brasil reencontra os pioneiros”, que chega a São Paulo depois de percorrer várias capitais do País. Aproveito para dizer que de seus eventos paralelos consta uma palestra da professora Marly Percin, que aprofunda os conhecimentos sobre o patrono da instituição e seu legado. A mostra exhibe, a partir de setembro vindouro, no Palácio dos Campos Elíseos, vasta documentação escrita, objetos, fotografias e modernos recursos visuais focando a evolução da economia brasileira ao longo do século, com ênfase no papel exercido por seus atores paulistas mais notáveis.

Uma linha do tempo e módulos correspondentes a cada período ajuda a compreender o todo histórico e seus impactos na vida local. Mais ainda: durante a interação com o projeto expositivo, alunos do curso básico analisarão as informações biográficas e os valores que inspiram o empreendedorismo. Essa itinerância, que recupera o Brasil do passado, antecipa o seu futuro e vem sendo para os jovens um primeiro encontro com a história do pioneirismo, na qual Luiz de Queiroz é um dos seus novos expoentes.

Estas considerações sobre Luiz de Queiroz estariam incompletas caso não incorporassem palavras de homenagem a dona Ermelinda de Souza Queiroz e no papel que desempenhou nos projetos e realizações do marido. Ermelinda fez par com ele, não somente na vida conjugal harmoniosa, mas também na construção de um legado cujo bem maior é representado pela Esalq e sobre a condição histórica da mulher.

Ermelinda e seu tempo

No todo pesquisado sobre o casal, foram raras as referências a Ermelinda, o que de resto é comum em documentos do século XIX, quando ainda era muito remota a emancipação feminina em nosso país e no mundo.

Na pequenina Piracicaba de sua época, uma das poucas mulheres a se destacarem vinha a ser a esposa de Luiz de Souza Queiroz. Ermelinda Ottoni de Sousa, a tia Nininha para seus familiares. Nascida em 1º de março de 1856, no Rio de Janeiro, era a quinta filha do casal Ottoni. Luiz, nascido em São Paulo em 1849, segue para Europa aos 8 anos, retornando aos 24 anos de idade para assumir os negócios do pai, o Barão de Limeira.

Após o casamento, Ermelinda continua suas viagens ao exterior visitando por várias vezes a irmã em Paris. Antes do casamento, ela viajara extensamente pela Europa, Estados Unidos e Ásia. Um exemplo paterno inspirou mais ainda Ermelinda Ottoni em seu apoio ao empreendedorismo do marido. Cristiano Ottoni, seu pai, nascido em Minas Gerais em 1811, foi também um empreendedor. Foi responsável por uma das nossas mais extensas ferrovias, a Central do Brasil.

Outra fonte desta breve memória de Ermelinda, que trago aqui como incentivo para tentativa biográfica mais longa e mais densa, foi o manuscrito referido em discreta nota de pé de página no livro de Joseph Love (1982) *A Locomotiva – São Paulo na Federação Brasileira*. Tal documento era uma autobiografia escrita a mão por Eugéne Davemport e depositada no acervo bibliográfico da Universidade de Illinois, Estados Unidos. Numa de suas viagens aos Estados Unidos, Luiz de Queiroz contratou, em 4 de setembro de 1891, a vinda deste professor de Agricultura do Michigan Agricultural College, que mais tarde chegaria a reitor da Universidade de Illinois.

Instabilidade econômica e injunções políticas

Até recentemente sabia-se muito pouco sobre a estada de Davemport no Brasil. A nota de pé de página que nos levou ao seu manuscrito foi altamente reveladora. A parte referente ao Brasil no manuscrito se estende por 74 páginas e relata sua estada, iniciada em 5 de novembro de 1891, quando desembarcou com sua família no Rio de Janeiro, na ocasião recebido pessoalmente por Ermelinda Queiroz e acompanhado até São Paulo para então seguir para Piracicaba.

Estes velhos papéis têm um cheiro de vida clássica. Os seus registros lembram outro tempo, de modos fidalgos, com grande harmonia familiar. Dona Ermelinda emerge deles com a imagem de uma dama letrada, culta, senhora de suas opiniões. Um tipo raro nos lares da época.

Eugéne Davemport, de setembro de 1891 a abril de 1892, morou na sede da fazenda São João da Montanha, que Luiz de Queiroz arrematara pouco antes em hasta pública para instalar a sua escola.

É possível que Davemport tenha planejado escrever outro trabalho sobre suas atividades diretamente ligadas à implantação da Escola. Na sua autobiografia refere-se a elas apenas de forma indireta e, curiosamente, enfatizando muito mais as dificuldades do que as realizações. É patente sua frustração por não ter realizado o projeto, em decorrência da instabilidade econômica e das injunções políticas surgidas com a República.

Com exceção de Luiz de Queiroz e sua esposa, a quem Davemport não regateia cumprimentos, tratando-o de homem notável e ela como intelectualmente requintada, poucos homens e mulheres parecem cair nas graças do agrônomo americano.

Realçando sempre a cultura geral de Ermelinda e seu interesse pelo êxito do marido como empreendedor, Davemport registra a presença da Sra. Queiroz na mesa de jantar, participando da discussão, numa época quando “lugar de mulher é na cozinha”. Estávamos muito longe da emancipação da mulher nos moldes hoje conhecidos.

A inclusão feminina

Hoje, no ensino superior, a participação de mulheres no alunado é de 56% segundo o Inep (Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa Educativa Anísio Teixeira). Esta presença majoritária nos bancos da universidade foi determinante para que as mulheres crescentemente assumissem ocupações mais qualificadas. Sabe-se também que, de modo geral, o seu grau de escolaridade é 37% maior que o dos homens.

Nos cursos de graduação da Esalq, em 1992 graduaram-se 179 alunos dos quais 28% de mulheres, já em 2012 graduaram-se 382 alunos dos quais 42% de mulheres.

Seis anos depois, em 2018, graduaram-se 328 alunos dos quais 49,4% de mulheres. Na pós-graduação da Esalq, em 1992, dos 138 mestres e doutores, 37% eram mulheres; já em 2012, dos 336 pós-graduados, 48% são mulheres com uma tendência para o aumento desta participação. Seis anos depois, em 2018 dos 337 pós-graduados, 53 % são mulheres com uma tendência para o aumento desta participação."

A Universidade como reduto masculino é um mito que se desfez completamente. Em 1970, quando se intensificavam na sociedade as lutas pela afirmação feminina, o percentual de mulheres entre alunos formados em cursos superiores era de 25%. Hoje, elas ultrapassam a barreira dos 50%. Trabalho da pesquisadora Moema Castro Guedes, apresentado em seminário internacional da Universidade Federal de Santa Catarina, registra que, em um quadro de 25 cursos universitários, as mulheres constituem maioria em 15 deles. Os dados apresentados guardam uma significativa relação com o empreendedorismo: as mulheres formadas em Administração, na faixa mais jovem, de 20 a 29 anos, superam os homens de 54% a 46%. (GUEDES, 2006)

Aos herdeiros do sonho

Nesta sala, professores e alunos da Esalq, são herdeiros do sonho de Ermelinda e Luiz. É seu dever projetar para os dias vindouros as ideias que os inspiraram no século XIX, antecipando em mais de cem anos a proposta de uma Agricultura superior, moderna e pioneira. Os dois quiseram o futuro ontem, e conseguiram. O casal viu a Agricultura como a mais bem-sucedida parceria da humanidade com a Natureza. Tentemos prolongar em nosso tempo a mesma ambição generosa que tornou as suas vidas significativas e perenes.

Referências bibliográficas

- ANUÁRIO ESTATÍSTICO 2013. Universidade de São Paulo. São Paulo: VREA. Disponível em: https://uspdigital.usp.br/anuario/br/acervo/AnuarioUSP_2013.pdf
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho Feminino no Brasil: Novas Conquistas ou Persistência da Discriminação? São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- CACHIONI, Marcelo. Arquitetura Eclética na Cidade de Piracicaba. Campinas. Dissertação (Mestrado), PUC/Campinas, 2002.
- DAVEMPORT, E. University of Illinois Archives, Record Series 8-1-21 (E. Davemport Papers, Box 4), s.d.
- FAUSTO, Boris. História Concisa do Brasil. São Paulo: EDUSP/Imprensa oficial, 2001
- GUEDES, Moema de Castro. “A Presença Feminina nos Cursos Universitários e Pós-graduações: Desconstruindo a Ideia da Ciência como Reserva Masculina”. In: Anais do VII Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero e Preconceitos. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 28 a 20 de agosto (comunicação), 2006.
- KIEHL, Edmar José. “Vida e Obra de Luiz de Queiroz”. In: Esalq 75 (1901-1976) – 75 Anos a Serviço da Pátria. Piracicaba: Editora Franciscana, 1975.
- LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). A Norma Brasileira em Construção. Fatos Linguísticos em Cartas Pessoais do Século 19, Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ, 2005, 251p.
- LOVE, Joseph L. A Locomotiva – São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MARCOVITCH, Jacques. Pioneiros & Empreendedores. Vol. 2. São Paulo: Edusp, 2005.
- PERECIN, Marly Therezinha Germano. Os Passos do Saber. A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz (O Esforço para Implantar o Ensino Técnico de Segundo Grau na Agricultura, 1891-1911). São Paulo. Tese (Doutorado), Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2002.
- WATTS, Martha Hite. Evangelizar e Civilizar – Cartas de Martha Watts, 1881-1908. Org. Zuleica Mesquita. Piracicaba, Editora Unimed, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2000. Censo Demográfico 2000: Características gerais da população – Resultados da amostra. Brasília: Ministério do Planejamento e Gestão. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP RESEARCH ASSOCIATION. “GEM 2000 Global Report”. London Business School, London/UK, 2000. Disponível em <http://www.gemconsortium.org/docs/2408/gem-2000-global-report>